



3069 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd (2018)
GT 24 - Educação e Arte

A IDENTIDADE CULTURAL NO MOVIMENTO ARTÍSTICO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ESCOLAS DE MÚSICA DA ILHA DE COLARES ? PA
Artur Jonas Marques Santos - UEPA - Universidade do Estado do Pará

RESUMO

O presente trabalho parte da pesquisa para a dissertação de mestrado em educação no PPGED/ UEPA e aborda a temática da identidade cultural ao relacioná-la às práticas educativas de um movimento artístico expresso nas escolas de músicas da Ilha de Colares – PA. Tem como objetivo analisar como as práticas educativas da escola de música Lira Nova na ilha de Colares/ PA contribuem para a formação das identidades culturais de seus integrantes. Para isso, procura descrever os saberes que circulam nas práticas educativas da referida escola; identificar o processo de inclusão de seus integrantes na dinâmica social que estão inseridos; e cartografar o cenário de vida de seus integrantes. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de campo com base na etnometodologia e se ancora no campo teórico de autores como HALL (2000; 2006), CANCLINI (1997), CUCHE (2002), BRANDÃO (2002), entre outros. As considerações deste estudo encaminham a uma reflexão sobre as escolas de música numa dimensão socioeducativa e cultural de construção de seus movimentos artísticos, ao entender que estes movimentos se inserem no contexto de diálogo com os saberes das comunidades ali envolvidas.

Palavras-chave: Educação; Escola de Música; Identidade Cultural; Movimento Artístico; Práticas Educativas.

A IDENTIDADE CULTURAL NO MOVIMENTO ARTÍSTICO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ESCOLAS DE MÚSICA DA ILHA DE COLARES – PA

RESUMO

O presente trabalho parte da pesquisa para a dissertação de mestrado em educação no PPGED/ UEPA e aborda a temática da identidade cultural ao relacioná-la às práticas educativas de um movimento artístico expresso nas escolas de músicas da Ilha de Colares – PA. Tem como objetivo analisar como as práticas educativas da escola de música Lira Nova na ilha de Colares/ PA contribuem para a formação das identidades culturais de seus integrantes. Para isso, procura descrever os saberes que circulam nas práticas educativas da referida escola; identificar o processo de inclusão de seus integrantes na dinâmica social que estão inseridos; e cartografar o cenário de vida de seus integrantes. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de campo com base na etnometodologia e se ancora no campo teórico de autores como HALL (2000; 2006), CANCLINI (1997), CUCHE (2002), BRANDÃO (2002), entre outros. As considerações deste estudo encaminham a uma reflexão sobre as escolas de música numa dimensão socioeducativa e cultural de construção de seus movimentos artísticos, ao entender que estes movimentos se inserem no contexto de diálogo com os saberes das comunidades ali envolvidas.

Palavras-chave: Educação; Escola de Música; Identidade Cultural; Movimento Artístico; Práticas Educativas.

Introdução

Esta pesquisa, em andamento, surgiu a partir de um encontro realizado na Ilha de Colares – PA, para a apresentação e lançamento do livro intitulado *"Saberes da Experiência, saberes escolares: diálogos interculturais"*, da EDUEPA, o qual aborda os diversos saberes da região, como os religiosos, os poéticos, os ambientais e como esses dialogam com as escolas locais. Na ocasião, pude ouvir de integrantes de escolas de músicas de diversas localidades, quando ressaltavam que seria interessante, também, destacar os saberes que circulam nesses espaços, pois as escolas de músicas são tradicionais, quase centenárias, por todo o município de Colares. A partir desse momento, passei, então, a ter interesse ainda mais pelo tema das atividades que envolviam as comunidades nas escolas de música, tendo em vista que atuei por muitos anos como professor da rede pública regular de ensino no referido município, de uma parcela significativa de jovens e adultos que participam das referidas escolas. Porém, foi como aluno especial das disciplinas "Cultura, Saberes e Imaginários na Educação na Amazônia" e "Teoria Social e Educação", ambas do PPGED - UEPA, que consegui configurar e estruturar a presente pesquisa. Pois, apreendi discussões valiosas no decorrer das aulas sobre temas como "memória", "construção do imaginário" e "identidades culturais", entre outros. O que possibilitou ampliar minha concepção de educação para aquela que está para além dos muros de uma escola, que reconhece os saberes culturais de um determinado espaço e grupo, suas práticas educativas e meios de sociabilidade.

Ao considerar que as culturas populares, até então postas como subalternizadas, passam a ter relevância significativa para a pesquisa a partir do enfoque da história cultural, na qual os homens (ditos comuns) passam a ser ouvidos, a terem voz, a narrarem a história a partir de suas vivências, de seu dia a dia, observo que este PPGED – UEPA é um dos poucos que nos possibilita ampliar nossa concepção de educação. Nesse sentido, Albuquerque (2012) possibilita pensar, a partir das práticas de sociabilidades, espaços outros que configuram processos educativos, a exemplo das escolas de música, onde transitam saberes e práticas diversas de construção social. Santos (2003) enfatiza que há uma reflexão epistemológica fora do centro hegemônico de produção da ciência social, uma contraposição entre o conhecimento científico e o conhecimento não-científico, principalmente nas lutas, movimentos alternativos, muitas vezes em lugares remotos do mundo e, assim, talvez, erroneamente tidos como irrelevantes. Logo, é preciso desbancar estes pensamentos numa perspectiva outra de produção da ciência a partir do reconhecimento dos saberes de grupos locais, em territórios diversos, que não apenas os escolarizados. Assim, pude compreender o desafio de se pensar numa pesquisa a partir da realidade do Outro, entendendo este Outro como sujeito singular da Amazônia que não pode ser visto como mero objeto de pesquisa, e sim como um

interlocutor desta, ao romper com uma ideia hegemônica de ciência. Fares (2011) afirma que uma reconstrução do espaço, do lugar comum o qual se estabelece como “produções escondidas”, onde a marginalização impera, visto os estereótipos de que numa escola de música não ocorre práticas de ensino, movimentações artísticas, não produzissem conhecimento, que apenas estão, no máximo, causando um sem sentido para as vidas das comunidades que a circundam.

Nessa perspectiva, a linha de pesquisa “Saberes Culturais e Educação na Amazônia”, ao realizar estudos sobre temas educacionais relacionados ao contexto amazônico, objetivando contribuir para a construção de práticas socioeducacionais comprometidas com os saberes dos grupos socialmente excluídos, além de procurar fortalecer a identidade cultural da Amazônia, levou-me a pensar em práticas educativas e identidades culturais a partir das escolas de música do município de Colares – PA. Faço referência nesse trabalho à “escolas de música” no plural, pois na ilha são 28 comunidades rurais e, destas, 9 possuem uma escola de música tradicional, que vem repassando há muitas gerações seus saberes cotidianos e, portanto, desenvolvendo práticas educativas singulares da região, desenvolvendo projetos com crianças, jovens e adultos de comunidades longínquas de centros urbanos, oportunizando, assim, uma educação sociocultural por meio de mestres maestros que marcam a história da comunidade e que, em sua maioria, nunca frequentaram escolas ditas formais.

Trago, assim, como objetivo principal: analisar como as práticas educativas de uma escola de música contribuem para a formação das identidades culturais de seus integrantes. E em decorrência a esse objetivo, o estudo propõe-se, também: descrever os saberes que circulam nas práticas educativas da escola de música Lira Nova, na ilha de Colares – PA; identificar o processo de inclusão dos integrantes das escolas de música na dinâmica social em que estão inseridos; e cartografar o cenário de vida dos integrantes da escola de música Lira Nova, na ilha de Colares – PA. Pontuo, então, brevemente uma contextualização acerca do quantitativo das escolas de música na Ilha de Colares: na sede do município temos a escola de música Vereador José Queiroz Saldanha, fundada em 1948, pertencente a Associação Beneficente Prof. Luiz Gama; e escola de música Nova Harmonia, fundada em 21/09/2105, pertencente à Associação Artística Cultural Nova Harmonia. E na zona rural do município, temos: a escola de música Novos Talentos, fundada em 29/06/2005, pertencente a Associação Cultural Novos Talentos em Genipauba da Laura; a escola de música Treze de Maio, fundada em 13/05/1997, pertencente a Associação Beneficente e Cultural Treze de Maio em Maracajó; a escola de música Lira Nova, a mais antiga, fundada em 15/11/1922, pertencente ao Clube Musical Lira Nova em Mocajatuba; a escola de música Quinze de Agosto, fundada em 15/08/2006, pertencente a Associação dos Filhos e Amigos de Juçarateua (AFAJ) em Jussarateua, fundada em 23/11/1990, hoje com dois pólos: na comunidade de Piquatuba e outra na comunidade quilombola de Cacau e a escola de música Professor Abelardo Pereira, fundada em 15/11/2013, pertencente a Associação Cultural Clube Professor Abelardo Pereira em Candeuba. Todas em pleno funcionamento, tendo como possibilidade pensar a educação que parte de suas experiências, valorizando seus Saberes, sua cultura.

Diante do exposto, estou desenvolvendo um trabalho de pesquisa a partir das práticas educativas das escolas de música localizadas na ilha de Colares – PA, buscando conhecer os saberes que são repassados por gerações nesses espaços e mediados pelos mestres que ali atuam, dando ênfase à escola de música Lira Nova, a mais antiga de todas que está localizada na comunidade de Mocajatuba, e que se mantém até hoje como referência para aqueles que a integram. O que me faz considerar aqui o papel fundamental dessas práticas educativas por meio das atividades musicais ali desenvolvidas na construção das identidades culturais na sociedade de Colares.

Assim, Bondía (2002) considera a educação a partir do par: experiência/ sentido, onde experiência não é informação, opinião ou pacotes organizados, como observa-se através de muitos currículos escolares, escasseando tempo devido ao trabalho excessivo. Este autor contrapõe essas colocações, enfatizando que devemos ser sujeitos da experiência, como um território de passagem, no qual o sujeito se expõe, atravessa um espaço indeterminado e perigoso (para alguns!), pois está aberto à sua própria transformação, certo que existirá conflitos. Verifica-se, então, um saber da experiência, onde “não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece” (BONDÍA, 2002, p. 27). A exemplo disso, aponto as escolas de música no município de Colares, numa dimensão socioeducativa e cultural de construção de seus movimentos artísticos, ao entender que estes movimentos se inserem no contexto de diálogo com os saberes das comunidades ali envolvidas, numa perspectiva de enxergar seu espaço como um lugar de fomento para a constituição de identidades culturais e de resistências desses sujeitos Outros. Sujeitos estes que carregam em sua identidade cultural a resistência a todo um sistema que tentou invisibilizá-los, negando os seus saberes e espaços.

Nesse sentido, o caminho metodológico constitui-se como parte essencial dos processos investigativos, pois sustenta os fundamentos que auxiliarão no cumprimento dos objetivos propostos, para isso este estudo, então, versa numa perspectiva de uma abordagem etnometodológica, a qual dá ênfase ao objeto estudado como produto da cultura local, considerando os sujeitos envolvidos como pessoas que têm saberes práticos para reconhecer e produzir culturalmente processos sociais. O tipo de pesquisa é a de campo, com uma modalidade qualitativa, através de técnicas de entrevistas semiestruturadas, valorizando os sujeitos e suas memórias através das narrativas orais, tendo como lócus a escola de música Lira Nova da localidade de Mocajatuba, na ilha de Colares/ PA e como sujeitos da pesquisa os seus integrantes. Atualmente, a pesquisa encontra-se em fase de visitação no campo. Busco, assim, levantar uma discussão teórica acerca do tema das identidades culturais ao relacioná-las ao campo das artes e da educação.

Falando de identidades culturais

No presente trabalho, proponho uma discussão acerca do conceito de identidades culturais a partir do referencial contemporâneo das ciências sociais e dos estudos culturais, ao considerar as contribuições de alguns autores que abordam essa temática, dando ênfase na abordagem acerca das transformações ocorridas no tema.

Ao investigar acerca do tema “identidade” deve-se considerar seu termo como algo mutável e não mais estático e integral como este era percebido anteriormente, ou seja, a ideia que muitos tinham acerca do conceito de identidade como algo determinado, sólido e concreto de determinado sujeito ou contexto, há muito já está sendo rediscutida neste campo de estudo. Pois o sistema mundo globalizante que envolve diversos e diferentes contextos precisa ser considerado como fator, também dessa mudança conceitual, visto que surgem diariamente formas outras de se colocar frente a esse sistema, nascendo assim, a exigência de um indivíduo compartimentalizado/ fragmentado pela exigência de se adequar constantemente às inovações do moderno, o que proporciona uma crise dentro do contexto social e abala pilares referenciais na vida desses indivíduos, no mundo social (Hall, 2006).

Nesse sentido, quando se fala do encontro entre culturas, de como isso ocorre nos dias atuais e a partir desse sistema globalizado, através de um conjunto de conexões tão rápidas e emergentes, fala-se também do que esse encontro proporciona com relação aos conhecimentos dos indivíduos, ao produzir, nestes, novos conhecimentos que conduzem a uma fragmentação de sua identidade, que não mais encaminha a certezas ou a algo permanente.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas [...]. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2006, pág.9).

Hall (2006) faz um apanhado histórico para nos explicar como a questão da identidade deixa de ser algo estático e passa a se configurar dentro de uma crise, ou de uma possibilidade de desconstrução de algo acabado, apontando três ideias de sujeitos: o “sujeito do Iluminismo” que é aquele que controla as suas razões e nada o perturba, ele constrói a sua identidade, apresentando, assim, uma concepção individualista enquanto sujeito; o “sujeito sociológico”, que possui uma essência, mas interage com a realidade e com a estrutura social; e o “sujeito pós-moderno” que não possui certezas, descentrado, perdido em meio a uma variedade de referências com novas formas de representações, que são reflexo da globalização dos mercados e dos fluxos migratórios, por exemplo.

Logo, fica claro na teoria social de Hall que essas três conceituações acerca das mudanças identitárias dos sujeitos servem apenas para situar o olhar dado ao tema, visto que este será percebido e discutido tomando por base o último, o qual se coloca dentro do contexto atualmente discutido sobre transformações sociais.

Assim, mesmo que não seja pretensão deste trabalho levantar conceitos fechados sobre um tema tão caro como o da identidade, tomarei como âncora a ideia trazida por Hall (2000) quando afirma que não se pode pensar apenas em uma identidade, mas em uma multiplicidade delas:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2000, p. 12).

No entanto, para entender melhor essa mudança na percepção do que é identidade, se faz necessário levantar algumas indagações: a identidade está em crise? Temos certeza sobre qual identidade almejamos para o futuro? As identidades que unem as pessoas (nação, classe social) também estão em crise? E assim por diante.

Acredito que vale ressaltar que na atualidade, as redes sociais (conexões via internet), a "movência" que o mundo vive, caracterizam-se como atenuantes que contribuem para modificarem a identidade de muitos e/ ou fazer interagir as diferentes culturas, formando assim, vários grupos identitários, balizados pelo poder e/ ou movimentos políticos aos quais estão inseridos de acordo com suas conveniências, dados os valores, o movimento político que está em jogo para se manterem ou sobrepor a outros dentro de um determinado contexto social.

Verifica-se que Hall faz comparativos entre sociedades anteriores (tradicionais) e nosso cotidiano atual (o que ele chama de uma sociedade pós-moderna ou com modernidade tardia), para apresentar a sua teoria e demonstrar a infinita diversidade existente e o que isso proporciona aos sujeitos atuais.

Assim, também, Canclini (2008) fala sobre a identidade dos sujeitos pós-modernos que parece ser transitória, efêmera, provisória, visto que eles procuram abarcar as informações, as vivências que chegam até eles:

As políticas culturais de cada país e os intercâmbios com os demais continuam sendo traçados como se a globalização econômica e as inovações tecnológicas não estivessem atuando, reorganizando as identidades, as crenças, as formas de pensar aquilo que é próprio e os vínculos com os outros. (CANCLINI, 2008, p. 179).

Na mesma direção, Castells (1999), indica que

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para que isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas, reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelação de cunho religioso. Porém todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/ espaço. (CASTELLS, 1999, p. 23).

Visto isso e entendendo que a ideia de identidade sugere a fluidez com que se processa a vida hoje, tentarei apontar a partir daqui este sujeito, tão caro aos estudos que envolvem os saberes ancestrais de povos da Amazônia, como exemplo, bem como as práticas que envolvem estes sujeitos e seus saberes nos dias de hoje.

Sujeito, cultura e identidade cultural

O cotidiano de uma sociedade demonstra a cultura de seu povo, seus valores, tradições. Quando estes se deparam com a globalização, com as novas tecnologias, com processos de migrações etc., são afetados ou transformados. Esta transformação em sua cultura, seu modo de vida, é o que Canclini (1997) chama de "Culturas Híbridas", ou seja, surgem a partir da reconstrução/ reorganização da sociedade, por meio de uma mistura de culturas.

No entendimento individual ou coletivo sobre identidade, sempre se volta o olhar para a cultura, pois exerce um papel fundamental para nortear os padrões de conduta/ ações e ainda as características próprias de cada conjunto/ grupo humano.

E, se se considera que a influência do meio está constantemente modificando os homens, a pessoa ao nascer em uma determinada comunidade, cidade, país, absorve as características destes locais. Porém, ao ser submetida a uma cultura diferente por muito tempo, ela adquirirá características de qualquer novo local, e isto pode acontecer de norte a sul de um país, do falar à alimentação, por exemplo.

Assim, podemos inferir sobre o que se chama de Identidade Cultural, ou seja, é a possibilidade que se tem de reconhecer o cotidiano, o quanto somos diferentes, o valor das nossas riquezas culturais, é a demonstração de saber afirmar/ auto afirmar-se. Sobre isso, Cuche (2002) explica:

Não se pode pura e simplesmente confundir as noções de cultura e de identidade cultural ainda que as duas tenham uma grande ligação. Em última instância, a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. (CUCHE, 2002, p.176).

Woodward (2007), ao tratar sobre identidade e diferença, examinando sistemas de representação, nos aponta que:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentidos à nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2007, p. 17)

Contudo, ao se apontar a necessidade de conhecer um sujeito, enfatizando o da Amazônia, por exemplo, seus saberes, sua cultura etc., é preciso, antes de mais nada, pensar este sujeito em sua transição histórica, seus processos de transformação (de si e de seu espaço), sua resistência ao processo de colonização e essa dimensão com que se apreende por colonialidade^[3] e que se estende ao seu cotidiano atual. É preciso compreendê-lo como um sujeito de identidade cultural e, a partir daí, aprender com ele. Quando se lê sobre as grandes conquistas territoriais que aconteceram, principalmente na história da Amazônia, a primeira atitude que o "conquistador europeu" fazia era invisibilizar a identidade cultural dos povos conquistados, violentando seus espaços e saberes, fazendo com que as pessoas "descobertas" fossem imediatamente "encobertas" pelo ego do colonizador, ou seja, não eram o Outro, mas um "si-mesmo" que precisava ser adequado aos interesses de quem dominava (Dussel, 1993).

Nesse sentido, ao ignorar que este sujeito Outro já era influenciado por uma cultura, pertencente a um grupo, obstrui-se qualquer movimento que exclame suas particularidades, que o fazem diferente. Numa tentativa cruel de anular sua história, suas culturas, a fim de tornar frágil qualquer reação por um sentimento de unidade, de identidade do povo violentado, o colonizador não reconhece esse sujeito Outro, sua identidade cultural:

O ego moderno desapareceu em sua confrontação com o não-ego; os habitantes das novas terras descobertas não aparecem como Outros, mas como o Si-mesmo a ser conquistado, colonizado, modernizado, civilizado, como "matéria" do ego moderno. E foi assim que os europeus (particularmente os ingleses) se transformaram, como dizia antes, nos "missionários da civilização em todo o mundo", especialistas com "os povos bárbaros". (DUSSEL, 1993, p. 36).

Nessa visão etnocêntrica, o colonizador faz de sua cultura um plano mais importante que as outras culturas, é a apresentação do ser evoluído, civilizado, dominador de tudo e de todos!

Porém, o que vemos realmente são povos que sofreram este processo violento de colonização e que resistiram e resistem até hoje, processo este que os colocou na condição de subalternos, como seres a serem ensinados, com uma necessidade de colocar-lhes uma outra identidade cultural: a do colonizador. Esta "violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como Outro". (SPIVAK, 2014, p. 60).

Segundo Stuart Hall (2006), uma identidade cultural enfatiza aspectos relacionados ao nosso pertencimento como a etnia, a linguística, o cunho religioso, regional ou nacional, que se organiza com várias representações culturais. Para ele, essa identidade nacional dá sentido à identificação de um conjunto. Esses sentidos estão presentes do amanhecer ao anoitecer servindo de referências, de elos para a constituição de uma identidade.

Todavia precisamos entender as reivindicações essencialistas baseadas na identidade étnica, e, também, não se deve esquecer que nesse processo a identidade é sempre relacional, contendo em si a ideia de diferença. Numa perspectiva relacional, a identidade se estabelece através da marcação simbólica em relação a outras identidades, e ela sempre está vinculada a questões sociais e materiais, além dos processos social e simbólico que, apesar de diferentes, são complementares para construção e manutenção das identidades. (PALHETA, 2013, p.27)

Logo, trago para este campo de discussão o olhar para as escolas de música tradicionais, algumas centenárias, na ilha de Colares – PA, bem como seus sujeitos ali envolvidos.

A identidade cultural pensada a partir de um movimento artístico e educativo

No espírito ou, simplesmente, nisso a que demos o nome de memória e que, para alguns, não é mais que uma alquimia de nervos, conexões no cérebro e alguns aminoácidos articulados entre as energias e a matéria efêmera dos seres que somos. Mas que outros acreditam ser uma das dimensões para além da matéria e dos seus limites. Ali, onde os fios da Vida transformados em memórias, em palavras, em gestos de sentimentos recobertos do desejo da mensagem, recriam a cada instante o mundo que entre nós inventamos desde que somos seres humanos, e com este estranho nome: cultura. (BRANDÃO, 2002, p. 16)

Ao partir deste pensamento de Brandão sobre a cultura, parto para uma reflexão de quão sujeitos de cultura podemos ser. Ou melhor: será que podemos não ser? Acredito que a cultura não só nos cerca, mas nos envolve.

Nessa perspectiva de que cada ser está entrelaçado em culturas, de que a todo instante pode-se recriar os espaços e si mesmos, pode-se relacionar esse pensamento a um conceito mais amplo de educação. Aquilo que Brandão (2002) coloca quando afirma a educação como cultura:

"Tal como a religião, a ciência, a arte e tudo o mais, a *educação* é, também, uma dimensão ao mesmo tempo comum e especial de tessitura de processos e de produtos, de poderes e de sentidos, de regras e de alternativas de transgressão de regras, de formação de pessoas como sujeitos de ação e de identidade e de crises de identificados, de invenção de reiterações de palavras, valores, idéias e imaginários com que ensinamos e aprendemos a sermos quem somos [...]" (BRANDÃO, 2002, p. 25, grifo do autor).

Assim, para que se possa pensar a identidade cultural a partir de determinados grupos, por meio de uma atividade artística e esta a partir de práticas educativas, é essencial que se destaque a perspectiva educacional contemplada aqui.

Logo, contemplo que os espaços das escolas de música representam o lócus de uma atividade artística, mas não somente artística e cultural, representam ainda um espaço de criação e recriação por meio da arte, de encontros, de circulação de saberes, um espaço em que há práticas educativas.

Quero destacar aqui que minha intenção ao relacionar a temática trabalhada às práticas educativas de escolas de música tem um referencial: minha história de vida como educador e morador na ilha de Colares. Pois é das escolas de música das comunidades desta ilha que me interessa falar, visto que estas podem se destacar por estarem inseridas em comunidades rurais, longínquas da sede do município e, mesmo assim, desenvolvem atividades há quase cem anos na região, mantendo todo o respeito de quem conhece seus trabalhos que, em sua grande maioria, tem a frente os mestres da comunidade que mediam saberes nas escolas de música há gerações, o que nos remete a uma história de tradição vinculada a estas escolas.

Quando falo *depráticas educativas*, presenciadas em campo através dos ensinamentos em ensaios, entendendo-as como trocas de saberes que não estão apenas no âmbito da educação escolar. Assim como Albuquerque (2012), considero, também aqui, a conceituação dada pela historiadora Thaís Fonseca, a qual afirma que prática educativa é "toda relação em que há transmissão de conhecimento de qualquer espécie, seja de caráter moral, religioso, técnico ou até mesmo escolar". (CUNHA; FONSECA, 2007, p. 2).

Assim, o olhar dado ao movimento artístico das escolas de música aqui citadas é de entendê-lo como uma prática educativa, pois possibilita que os saberes daqueles sujeitos, daquela comunidade, circulem no espaço dessas escolas. Há aí um entrelaçamento de saberes na constituição e apropriação dessa cultura. Há, portanto a constituição de uma identidade cultural.

Contudo, pude verificar, e é importante frisar, que a maioria dos jovens e crianças de cada comunidade envolvida com as escolas de música da região são inseridos nestas escolas de música e passam a frequentá-las quase que naturalmente e, por dom, vocação ou simplesmente aprendizagem, tornam-se mais um grupo de jovens e crianças envolvidos ao movimento artístico-cultural. Representam aqui o Outro que resiste e constrói a sua história.

Dessa forma, além de se apontar os espaços dessas escolas de música como lócus de construção da identidade cultural dos sujeitos ali envolvidos, também é possível destacar estes espaços, numa perspectiva sócio educativa, como um centro de engajamento de jovens/ crianças e de resistência dessa tradição e cultura local: a formação através da música.

Considerações finais

As considerações deste estudo encaminham a uma reflexão sobre as escolas de música numa dimensão socioeducativa e cultural de construção de seus movimentos artísticos. Ao entender que estes movimentos se inserem no contexto de diálogo com os saberes das comunidades ali envolvidas, numa perspectiva de enxergar seu espaço como um lugar de fomento para a constituição de identidades culturais e de resistências desses sujeitos Outros.

Embora se tenha chegado a essa concepção a partir das leituras que embasam este estudo e de visitas iniciais, há muito ainda para caminhar e encaminhar quando se pensa, nestes sujeitos Outros da Amazônia e aprender com seus saberes. É preciso que se pense a ciência por uma perspectiva contra hegemônica!

Para tanto, é necessário destacar aqui a necessidade de praticar no campo das pesquisas sociais, e me refiro especialmente às pesquisas em educação na região da Amazônia, uma relação mais próxima com os sujeitos interlocutores de tais pesquisas. Pois, não se pode mais narrar a história dessa região com um olhar de fora, é urgente que se possa construir um trabalho de investigação a partir desse sujeito Outro.

Finalizo este breve estudo indicando que há muito para se costurar frente ao tema que foi pensado, e ao campo proposto aqui: os saberes que circulam nas escolas de música tradicionais situadas em comunidades rurais de um espaço amazônico, considerando seus movimentos artísticos. Logo e a partir disso, penso que urge propor nesse movimento um projeto possível de educação intercultural, que possibilite o diálogo com os mais diversos saberes, compreendendo seus conflitos, suas histórias de resistência, e caminhando no sentido de tomar as diferenças com um olhar positivo, heterogêneo para que se possa aprender com elas.

Referências

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. **Beberagens e processos educativos não escolares no Brasil**. Belém: EDUEPA, 2012.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº 19, Jan/Fev/Mar/Abril, 2002, (p.20-28). <http://www.br/pdf/rbedu/n19/>

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como Cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.

_____. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da identidade vol.II**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Paola Andreza Bessa; FONSECA, Thaís Nívea de Lima. **Educação e religiosidade: as práticas educativas nas irmandades leigas mineiras do século XVIII nos olhares de Debret e Rugendas**. Belo Horizonte: [s/n], 2007. Pp. 1-13 (Mimeo).

DUSSEL, Enrique. **1492 O encobrimento do outro: A origem do mito da modernidade**. Petrópolis, RJ: 1993.

FARES, Josebel. Por uma cartografia da cidade: hologramas teóricos. In: MARCONDES, Maria Inês; OLIVEIRA, Ivaniilde Apoluceno; TEIXEIRA, Elizabeth. **Camínhos metodológicos para a pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2011.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOTA NETO, João Colares da. **Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. Curitiba: CRV, 2016.

PALHETA, Bruno Daniel Monteiro. **Bandas de música, escolas de Saberes: Identidade Cultural e Prática Ensino da Banda 31 de Agosto em Vigia de Nazaré/ PA**. Dissertação de mestrado. Universidade do estado do Pará, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: _____. **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamentos, 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo horizonte: Editora UFMG: 2014.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna.** Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.**In: SILVA (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: editora vozes, 2007.

[1] A ilha de Colares, localiza-se às margens da Baía do Guajará, na região do Salgado, nordeste do Estado do Pará, divide-se em 28 comunidades rurais com cerca de 11 mil habitantes e uma extensão territorial de 613 Km². Traz uma história recente de emancipação política, com apenas 54 anos de fundação, quando foi desvinculada do município de Vigia.

[2] Termo utilizado em sala de aula, na disciplina "Cultura, Saberes e Imaginários na Educação na Amazônia", para se referir à rapidez/ mudança que ocorrem em todos os âmbitos de nossa vida nos dias atuais.

[3] Ver obra de Mota Neto (2016), quando aponta a colonialidade como um processo histórico mais complexo, que no presente designa um padrão de poder que opera através da naturalização de hierarquias territoriais, raciais, culturais e epistêmicas, o que possibilita a reprodução de relações de dominação.